

**Conferência de**  
**Monsenhor Jacques PERRIER**

Domingo 17 de Setembro



X<sup>ème</sup> Encontro Internacional  
das Equipas de Nossa Senhora

## Jesus Cristo, Centro da vida cristã

Já que tivestes o bom gosto de escolher Lourdes para o vosso encontro internacional e que me destes a honra de me pedir uma conferência, não podia recusar o vosso convite.

Vós mesmos escolhestes o tema da minha exposição:

*Jesus Cristo, Centro da vida cristã.*

De resto, prefiro não ser eu a escolher o tema quando tenho de usar da palavra. Se uma pessoa escolhe o seu tema, corre o risco de se repetir, por uma questão de facilidade. O tema imposto obriga a uma renovação.

Mas, pelo contrário, o título dado à exposição de hoje parece tão evidente! Conviria para uma meditação. Mas para uma conferência? No entanto, apesar das aparências, vamos ver que este título levanta alguns problemas.

Procederemos, então, classicamente, em três tempos. No primeiro, veremos a legitimidade da expressão título. No segundo tempo, faremos algumas perguntas para não nos fecharmos nesta formulação antes de voltarmos a ela, uma vez que ela se aplica admiravelmente, entre outras coisas, à família fundada no sacramento do matrimónio.

\*

Que Jesus Cristo seja o centro da vida cristã, São Pedro e São Paulo estão de acordo. Este consenso é importante, de tal modo estas duas personagens estão longe uma da outra. São Pedro diz a Jesus, a seguir ao Discurso do Pão da vida, quando a tendência é o escândalo e o abandono por parte dos discípulos: «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!» (João 6,68). Por seu lado, São Paulo tem estas frases peremptórias: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gálatas 2,20); «para mim, viver é Cristo e morrer, um lucro» (Filipenses 1,21).

A expressão «Jesus Cristo, Centro da vida cristã» tem a vantagem de dizer que no centro da vida cristã não está um livro, como no Islão, ou um princípio como nas sabedorias, sejam elas filosóficas ou religiosas. As pessoas de Sócrates ou de Buda são admiradas pelos seus adeptos mas, para eles, o essencial é regularem-se pelos seus ensinamentos, o «conhece-te a ti próprio» de Sócrates ou as «nobres verdades» do budismo.

Notai que há muitas pessoas que dizem a mesma coisa: «Afinal, Jesus Cristo não sei quem era, mas o evangelho é admirável». Reparai que, ao falar de Jesus, essas pessoas exprimem-se no imperfeito: «quem era Jesus?». Expressar-se no imperfeito significa que, para elas, Jesus morreu definitivamente. Ora, a não ser em casos de perturbação mental, um morto que nunca se conheceu nem se amou pessoalmente não pode estar no centro da minha vida. De resto, não tenho a certeza de que essas pessoas tenham realmente lido o Evangelho, porque, sem a pessoa de Jesus, que fica do Evangelho? O segundo dos nossos evangelhos, o de Marcos, começa com estas palavras: «Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus» (Marcos 1,1). O Evangelho, como o Reino, é o próprio Jesus.

Ao dizermos que Jesus Cristo está no centro da vida cristã, situamos com razão a religião cristã no plano de uma relação com uma pessoa. Essa pessoa viva comunica connosco e permite-nos viver a

sua vida. Cristo só nos pode permitir viver «por Ele, com Ele e n'Ele» se Ele próprio estiver vivo. Encontramos em São Paulo uma expressão lapidar: «Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé» (1 Coríntios 15,14).

Em francês, os nomes «Christ» (Cristo) e «chrétien» (cristão) não soam da mesma maneira, ao contrário da maior parte das línguas, como da língua do Novo Testamento: «Christos» e «christianos». O cristão é alguém que reconhece Jesus como o Cristo. É esta a profissão de fé de Pedro. Quando Jesus pergunta aos discípulos: «E vós, quem dizeis que Eu sou?», Pedro responde: «Tu és o Messias (o Cristo), o Filho de Deus vivo» (Mateus 16,16).

A dignidade de «Cristo» (Messias) é plenamente adquirida por Jesus quando o Pai O ressuscita de entre os mortos. Escutemos outra vez São Pedro, no dia de Pentecostes. O apóstolo termina o seu primeiro sermão, anunciando a ressurreição, com estas palavras «Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado» (Actos 2,36). E como é sempre agradável aproximar Pedro e Paulo, notemos que este último dá a si próprio o título de ser «servo de Cristo Jesus» (Romanos 1,1). Começa a sua epístola mais solene, a Epístola aos Romanos, dizendo que a proclamação do Evangelho consiste em anunciar «Jesus Cristo Senhor nosso», títulos que adquiriu plenamente pela sua ressurreição de entre os mortos (Romanos 1,4).

É desnecessário empilhar os textos. É evidente que é a pessoa de Cristo que cria a distância entre judeus e cristãos. Alguns judeus, sobretudo nos nossos dias, reconhecem em Jesus um rabi de primeira ordem. Como dizia um deles dirigindo-se fraternalmente a cristãos, Ele é «meu mestre e vosso Deus». Efectivamente, a maneira como o Novo Testamento fala de Jesus contrasta com o que encontramos no Antigo Testamento, mesmo a propósito da personagem mais importante da Antiga Aliança, Moisés. Esta observação é válida tanto para a forma como Jesus Se exprime e age como para as atitudes dos discípulos em relação a Ele.

Vejamus ainda por um instante os textos que citámos. Notareis que o nome de Jesus se conservou sempre. Aquele que é Cristo, Aquele que é o Filho de Deus, é um de nós, Alguém que tem um nome de homem. Chama-Se Jesus, e a sua mãe chamava-se Maria. Nasceu no tempo de Herodes e sofreu a sua Paixão sob Pôncio Pilatos, o homem desonesto cujo nome os cristãos pronunciarão até ao fim dos tempos ao rezarem o Credo. Fizestes bem em dizer «Jesus Cristo», centro da vida cristã. A historicidade é uma característica fundamental da fé cristã. O que não deixa de levantar problemas ao nosso tempo, que prefere espiritualidades intemporais. Mas isso é outra questão!

Deixemos as Escrituras e voltemo-nos para a liturgia. Entre o primeiro domingo do Advento e o domingo de Cristo Rei, o ano litúrgico vai, curiosamente, da Segunda Vinda de Cristo à Segunda Vinda de Cristo. Porquê partir da Segunda Vinda de Cristo? Para evocar, logo no princípio do ano litúrgico, o fim para o qual caminhamos, através dos tempos.

O Advento, tempo da espera cristã, não está vazio da presença de Cristo: Ele já veio, na humildade; voltará na glória. Os ciclos do Natal e da Páscoa (entendo por «ciclo da Páscoa» tanto a Quaresma como o Tempo Pascal) são consagrados ao seu nascimento, à sua morte, à sua ressurreição e ao fruto da sua ressurreição: o envio do Espírito. Entretanto, seguimos Cristo em diversos momentos da sua vida pública.

Assim, pode dizer-se com toda a legitimidade que Jesus Cristo está no centro do ano litúrgico. O mesmo se passa relativamente aos sacramentos. Cada um deles não tem sentido senão em relação a Cristo. O baptismo é um mergulho na sua morte e na sua ressurreição. A reconciliação abre-se-nos porque Ele nos redimiou do pecado. O matrimónio cristão tem a sua origem nas bodas de Cristo e da Igreja. O diácono, o padre, o bispo, nos seus diferentes ministérios, são chamados a agir em nome de

Cristo, servo e pastor. Pela unção, os doentes são identificados a Cristo salvador, na esperança da ressurreição. De forma suprema, a eucaristia é o memorial de Cristo, segundo as suas próprias palavras.

Dir-me-eis que omiti a confirmação, sacramento que Cristo teria concedido ao Espírito Santo. Com efeito, a acção do Espírito Santo consiste sempre em permitir a presença de Cristo, como fez em Maria no dia da Anunciação, como faz em cada Missa, quando o padre pede a sua vinda através da oração chamada «epiclese». Pela confirmação, o baptizado torna-se, segundo uma expressão de São Paulo (2 Timóteo 2,3), «soldado de Cristo Jesus», confirmado no baptismo que fez dele um cristão.

Mudemos outra vez de campo e abordemos a moral ou, para usar uma expressão menos agressiva aos ouvidos delicados, o «agir cristão». Aí encontramos de novo, no centro, Cristo Jesus.

Em São João, trata-se de «permanecer» em Cristo e de Cristo «permanecer» em nós. A expressão surge várias vezes no discurso do Pão da vida (João 6) e na parábola da vinha (João 15). É ainda mais frequente na primeira carta de São João.

São Paulo utiliza outra imagem, igualmente expressiva: «revestir-se» de Cristo. «Todos os que fostes baptizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo» (Gálatas 3,27). Esta imagem inspira-se, sem dúvida, no ritual do baptismo, em que o recém-baptizado é revestido de branco.

O comportamento do cristão decorre do de Cristo. Vejamos algumas palavras de São Paulo. Quando recomenda aos coríntios que sejam generosos na colecta, cita como modelo a liberalidade de Cristo: «Conheceis bem a bondade de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza» (2 Coríntios 8,9). «Tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus» (Colossenses 3,17). A presença de Cristo não tem a ver só com a nossa alma: «Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Iria eu, então, tomar os membros de Cristo para fazer deles membros de uma prostituta?» (1 Coríntios 6,15).

O cristão deve, em todos os aspectos da sua vida, impregnar-se de Cristo. Isto é válido para todos; isto é válido para a comunidade. Dirigindo-se aos cristãos de Filipos, São Paulo diz: «Tende entre vós os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus». E continua com o hino que se canta durante a Semana Santa: «Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus...». Segue-se a evocação da Encarnação, da morte na Cruz e da Ressurreição (Filipenses, 2,5-11).

A originalidade desta passagem está na justaposição de um conselho de bom entendimento dirigido à comunidade e a referência ao Mistério de Cristo, no que ele tem de mais radical. Disse «justaposição». De facto, do ponto de vista da lógica, tratar-se-ia mais de uma dedução: uma vez que Cristo Jesus Se comportou de determinada maneira, também vós deveis comportar-vos dessa maneira. Em São Paulo, esta lógica não é voluntarista. Apoia-se na graça do baptismo: o cristão é alguém que, em todas as coisas, é chamado a viver segundo o seu baptismo. Recebeu dele a força através do Espírito Santo. O pecado é uma incongruência.

Acabámos de passar um momento com São Paulo. Voltemos aos evangelhos, mais precisamente ao evangelho segundo São Mateus. Quando anuncia, pela primeira vez, a sua Paixão, Jesus continua imediatamente associando os discípulos àquilo que Ele próprio vai viver: «Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me» (Mateus 16,24).

Para fechar esta primeira parte, voltemos ao baptismo. Somos baptizados «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mateus 28,19). Esta é a ordem que Jesus deu aos discípulos na última

aparição relatada por São Mateus. É a expressão mais igualitária e mais unitiva que há para exprimir as relações entre as Pessoas divinas. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são nomeados lado a lado. A duplicação do «e», que a gramática reprovava e que nós, infelizmente, omitimos muitas vezes, insiste no laço absolutamente único que As une entre Si: é impossível pensar numa sem ser remetido para as outras.

Todavia, é com uma das Três que nos identificamos pelo baptismo: Cristo Jesus. Não nos tornamos nem no Pai nem no Espírito. Tornamo-nos filhos e filhas no Filho. No baptismo, não fomos mergulhados num banho de divindade impessoal. A acção conjunta do Pai, do Filho e do Espírito é fazer de nós irmãos e irmãs de Jesus Cristo ou, segundo uma expressão de São Paulo, dar a Cristo «muitos irmãos» (Romanos 8,29). Aliás, nos Actos dos Apóstolos, fala-se simplesmente dos novos irmãos que foram baptizados «em nome de Jesus Cristo» (Actos 2,38). A Igreja tinha consciência de que Jesus Cristo era realmente o centro da vida cristã.

\*

Em resumo, qualquer que seja o ângulo segundo o qual abordamos esta questão, é verdade, Jesus está realmente no centro, não só da fé cristã mas da vida cristã. O que vou dizer agora não pretende semear a dúvida nos vossos espíritos nem criticar a expressão-título que deram à minha conferência. Gostaria simplesmente que não nos fechássemos numa expressão. Cristo é seguramente demasiado grande e demasiado livre para ser fechado numa expressão, por mais exacta que esta seja.

Uma vez que já fiz referência à liturgia, convido-vos a entrar numa igreja à hora em que ela desempenha melhor o seu papel, isto é, durante a celebração da Eucaristia. É que uma igreja não é uma simples sala de meditação, mesmo cristã, mas o lugar construído e com uma determinada disposição para tornar perceptível o sentido da Eucaristia.

O ponto chave da igreja é, portanto, o altar e o padre que aí celebra a Eucaristia. Tanto o altar como o padre são sinal de Cristo: o altar pela sua consagração, o padre pela sua ordenação, a que se poderia muito bem chamar «consagração».

Ora, consoante as igrejas, o altar e o padre que celebra estão colocados de maneira diferente. Na igreja ocidental tradicional, o altar está colocado ao fundo da absida, à cabeça do edifício. Esta localização não deixa de ter sentido, uma vez que Cristo é a Cabeça da sua Igreja (Efésios 1,22).

Mais recentemente, o altar avançou e o celebrante coloca-se do outro lado do altar em relação à assembleia. Estamos agora numa disposição «frente a frente», que é legítima, pois Cristo não se confunde com a sua Igreja. Ele é o Esposo e a Igreja é a Esposa (Efésios 5,25-32). Entre eles trava-se um diálogo cujo cume é a liturgia.

Mais recentemente ainda, construíram-se igrejas em arco de círculo, ou seja, em semicírculo cujo centro geométrico é o altar. Os construtores da Basílica São Pio X foram mais longe. Inovaram audaciosamente colocando o altar no centro de uma enorme elipse, estando o celebrante principal rodeado de todos os lados. Esta terceira solução arquitectónica é a que representa mais directamente o facto de Jesus Cristo estar no centro da vida cristã. Esta solução pode apoiar-se numa palavra do próprio Jesus, uma palavra bem ousada: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mateus 18,20). Esta palavra é daquelas que, como eu dizia antes, contrasta com as de qualquer grande personagem do Antigo Testamento. Mas continuemos.

À cabeça, frente a frente, ao centro: três disposições litúrgicas, mas também três percepções diferentes da nossa relação com Cristo. Digo bem: «percepções diferentes» e não «relações

diferentes». É que a relação com Cristo é idêntica em todos os cristãos, uma vez que ela é estabelecida pelo mesmo e único Espírito, no nosso baptismo.

Cada uma destas três percepções, se tomada isoladamente e levada ao extremo, não dá o sentido do que é a relação de fé. Se não virmos em Cristo senão a Cabeça da Igreja, corremos o risco de nos transformarmos em corpo de exército. O frente a frente pode transformar-se em cara a cara e o cara a cara, em confronto, mas a posição central representa o perigo inverso: que Cristo seja tão integrado, assimilado, rodeado, que acabe por desaparecer. Num círculo, o centro não é senão um ponto, e o ponto não tem dimensões. Ora, é preciso conservar em Cristo a sua densidade pessoal e a sua liberdade. Cristo é alguém: Jesus. Não é o princípio a partir do qual o círculo se descreva. Cristo habita a Igreja, mas a Igreja não é o seu limite.

Apesar destas minhas observações, não lamento esta pequena excursão arquitectural. Porque já não sabemos bem o que é uma igreja. A construção de uma igreja deve, é claro, corresponder às possibilidades técnicas (cada vez maiores) e aos dados económicos (cada vez mais restritivos) do tempo. Deve, tanto e ainda mais, corresponder ao sentido do que ali se realiza: neste caso, a celebração do Mistério da fé, segundo a expressão que o celebrante pronuncia a seguir à consagração.

Já que começámos a reflectir nas imagens (Cristo Jesus como cabeça, como frente a frente ou como centro), observemos que Cristo está tanto na periferia como no centro. «Periferia» não é a palavra adequada, e até pode escandalizar. O que eu quero dizer é: quanto mais nos centramos em Cristo mais nos descentramos dos irmãos que Jesus nos dá, todos esses seres humanos, nossos semelhantes, de quem Jesus nos pede que nos façamos próximo. «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mateus 25,40). Se Jesus Cristo está no centro, admitamos que este centro está em toda a parte.

Conservámos notas tomadas em encontros que São Vicente de Paulo gostava de ter com as Filhas da Caridade. Sem serem religiosas propriamente ditas, as Filhas da Caridade dedicavam diariamente tempo à oração, como, de resto, os leigos são convidados a fazer: o vosso Movimento encoraja-vos a isso.

Voltemos a São Vicente de Paulo e às Filhas da Caridade. Nessas conversas, o santo fundador respondia às perguntas que elas lhe faziam. De entre essas perguntas, havia uma que as atormentava de modo especial: que fazer quando, à hora prevista para a oração, um doente nos chama? Outros que não Vicente diriam: há conflito. Ele, o bom discípulo de São Francisco de Sales mas também simplesmente do Evangelho, responde: ficai em paz, porque, ao irdes ter com quem vos chama, ides ter com Cristo. Deixando a oração para acorrer a um dos mais pequenos dos irmãos de Jesus Cristo, não abandonais Cristo.

Da oração ao serviço, a Filha da Caridade vai de Cristo a Cristo. Compete à superiora velar para que a Irmã não perca a possibilidade de fazer oração. Se não, ela já não deixará Cristo por Cristo, mas apenas realizará um acto de generosidade: isso é alguma coisa, mas não é preciso ser-se cristão para se ser generoso.

O que acabo de dizer tem de ser bem compreendido. O Novo Testamento não consiste em substituir o amor a Deus pelo amor ao próximo. A novidade do Evangelho é unir indissolavelmente os dois mandamentos. Eles estão unidos na pessoa de Jesus Cristo; n'Ele vemos e tocamos o Pai, o Senhor Deus que Se revelou a Israel. Mas o Filho de Deus, ao encarnar, passa a fazer parte de cada ser humano e em particular de todos os necessitados.

O verdadeiro cristianismo une uma mística centrada em Deus e o serviço ao homem, ali mesmo onde a dignidade do homem é menos reconhecível. É claro que as vocações na Igreja são várias: contemplativas, apostólicas, caritativas, etc.... Mas vejo que hoje algumas comunidades que se arriscam nos compromissos humanitários mais perigosos são também as que praticam a adoração eucarística mais fervorosa e mais frequente. Charles de Foucauld traçou o caminho: passando horas a rezar diante do Santíssimo Sacramento e servindo os seus irmãos tuaregues num desprendimento total. As Irmãs de Jesus seguem hoje o seu exemplo.

Assim, Jesus é bem o centro, mas pode mandar-nos para muito longe daquilo a que estamos habituados. Muitas ofertas, no mercado das espiritualidades, convidam-nos a tornar-nos plenamente senhores de nós próprios e a melhorar as nossas capacidades. Jesus diz: «Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la» (Mateus 16,25). Ao tornar-se centro da nossa vida, Cristo não nos instala num ponto fixo mas lança-nos numa peregrinação que não terminará na terra. Tudo isto é dito, admito, numa linguagem cheia de imagens que se pode considerar inadequada e mesmo falsa. Mas não temos nada a perder quando olhamos de todos os lados o que parece evidente. Desde que não deixemos o leitor ou o ouvinte na confusão. É por isso que vai haver uma terceira parte.

Entretanto, antes de lhe dar início, gostaria de propor uma outra reflexão. Sinto um certo embaraço ao ouvir dizer que Cristo Jesus poderia ser o centro. Porque Ele sempre recusou pôr-se no centro. São João é de todos o mais claro a este respeito: Jesus é o enviado do Pai. Ele veio não para fazer a sua vontade mas a vontade d'Aquele que O enviou (5,30; 6,38). Em todo o lado em São João encontramos expressões deste género.

Sem desenvolver tanto este tema, os outros evangelhos estão de acordo com São João. Quando os discípulos lhe perguntam como rezar, Ele ensina-lhes o «Pai Nosso». Seus irmãos e suas irmãs são os que fazem a vontade do Pai (Mateus 12,50). Na Cruz, é ao Pai que pede o perdão para os seus carrascos (Lucas 23,34): não atribui a Si próprio o que quer que seja, nem o perdão, quando é Ele que sofre na Cruz. Logo depois do seu baptismo, o Tentador tinha-lhe sugerido que fizesse o que lhe convinha. E ouviu esta resposta: «Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Não tentarás o Senhor teu Deus. Ao Senhor, teu Deus, adorarás» (Mateus 4,4-10).

Paralelamente às frases e aos episódios que acabo de citar, poderíeis citar outras em que Jesus age com plena autoridade. Assim é no Sermão da Montanha, quando repete: «Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, digo-vos». Assim é quando, por sua própria autoridade, cura os doentes, expulsa os demónios e acalma a tempestade. Esta aparente contradição é uma porta de entrada no mistério de Deus: o Filho tudo recebeu do Pai, mas não guarda nada para Si. Revela-nos assim a nossa vocação de filhos de Deus: pedir e acolher a graça para dar graças. É o contrário da cena do primeiro pecado: comer o fruto porque o Tentador conseguiu persuadir de que Deus tinha agido por ciúme ao estabelecer uma proibição.

Quem está no centro da Eucaristia e, portanto, da vida cristã, tanto eclesial como pessoal? Cristo Jesus, cujo memorial celebramos, por sua ordem, refazendo os seus gestos e repetindo as suas palavras? Sim, mas todas as orações eucarísticas, desde as origens da Igreja, se dirigem ao Pai. Todas terminam com a grande doxologia: «Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória agora e para sempre». A assembleia responde «Ámen»: é o cume da acção eucarística.

Há pouco, víamos Cristo Jesus enviar-nos aos limites da humanidade, dizendo que Se encontrava lá. Agora, reenvia-nos ao Pai, pois Ele é o Mediador: não quer monopolizar nada. Se ser cristão significa «viver ao jeito de Cristo», o cristão será então alguém que nunca procurará monopolizar os

outros, e ainda menos subjugar-los para seu próprio proveito. Recusará sempre pôr-se no centro, quaisquer que sejam as suas responsabilidades.

\*

Depois de ter situado a expressão-título desta conferência num horizonte mais vasto, querendo evitar fazer disso um absoluto, tinha prometido voltar a ela encontrando novas razões para a sua legitimidade.

Comecemos por formular uma objecção: dizer que Jesus Cristo é o centro da vida cristã não será isolar Cristo, pôr de lado o facto de Ele ser o Filho de Deus? Não será negligenciar o Espírito Santo, quando Jesus disse aos discípulos que era bom que Ele partisse, para lhes enviar o Espírito? Isolando Cristo, separando-O, por omissão, do Pai e do Espírito Santo, não se correrá o risco de dirigir o olhar unicamente para o aspecto humano da sua personalidade? Nesse caso, já não veríamos senão Jesus de Nazaré, um rabi original de há dois mil anos.

Em Jesus Cristo, algumas épocas talvez tenham minimizado a humanidade de Jesus. Do Credo de Niceia só se tinha retido esta fórmula: «Deus de Deus, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro». O nosso tempo poderia pecar por uma visão unilateral, mas inversa: Jesus de Nazaré, homem do seu tempo mas que ultrapassa o seu tempo pelas suas vistas largas, homem religioso por excelência que nos liberta das estreitezas de uma religião demasiado formalista, apóstolo da tolerância e dos direitos humanos. Este é o retrato religiosamente correcto que circula na opinião pública. Não está muito longe da heresia ariana, que surgiu no século IV e quase prevaleceu em toda a cristandade, pouco depois do fim das perseguições.

O princípio do cristocentrismo foi posto em prática, pelo menos em França, na catequese que se seguiu ao Concílio Vaticano II. O resultado é, de resto, espantoso. Nas cartas que os jovens de cerca de quinze anos de idade enviam ao bispo a pedir a confirmação, o nome de Jesus Cristo está praticamente ausente. Falam de Deus, de se aproximarem de Deus, de conhecerem melhor, dizem, a história de Deus. Isto pode parecer surpreendente. Mas este facto é tanto mais revelador quanto essas cartas são pessoais. Chegamos assim a um divórcio: a opinião pública, muito secularizada, já não ousa falar de Deus, e a minoria de jovens que, corajosamente, se considera cristã já não ousa afirmar a humanidade de Jesus. Porquê? Porque, em todo o caso, é difícil acreditar na Encarnação, no facto de o Filho de Deus, Ele próprio Deus, Se ter feito nosso irmão, de o Verbo Se ter feito carne.

A nossa fé cristã é muito pouco trinitária. Justapomos um vago teísmo e uma sincera admiração por Jesus, pregador do amor. O teísmo (acreditar numa presença do divino) pode responder às interrogações da inteligência e às exigências do coração: este mundo não é insensato; não somos aqui seres abandonados. A admiração por Jesus funda uma moral de altruísmo que está à vontade na corrente humanitária do nossa época globalizada.

O nome de Jesus Cristo deveria resolver esta dificuldade. Como já dissemos, Jesus é um nome de homem, mesmo se, como acontece com a maioria dos nomes judaicos, o seu significado é religioso: Jesus quer dizer «Deus salva». Jesus, Josué, Yeshua: perto de uma quinzena de pessoas diferentes na Bíblia têm este nome. «Cristo», por sua vez, é um nome em si mesmo trinitário. Cristo é a palavra grega que corresponde ao hebraico Messias. O Cristo, o Messias é aquele que recebeu a unção. De quem é que Jesus recebeu a unção? Do Pai. E qual é essa unção? O Espírito Santo.

Vejamos o relato da visita de Jesus a Nazaré, em São Lucas, no capítulo 4. «Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de Sábado na sinagoga e levantou-Se para ler». Nazaré é, por excelência, o lugar da sua humanidade, o lugar onde viveu trinta anos entre os

seus semelhantes. A leitura é uma passagem do profeta Isaías: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu». Segue-se a enumeração dos sinais que o Messias há-de realizar. Lucas prossegue o relato com um agudo sentido da dramatização. «Enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos n'Ele. Começou, então, a dizer-lhes: 'Cumpru-se hoje esta palavra da Escritura, que acabais de ouvir'. Todos davam testemunho em seu favor e se admiravam com as palavras repletas de graça que saíam da sua boca». Mas logo a seguir, na narrativa de São Lucas, as pessoas corrigem-se e dizem que é impossível: conheciam Jesus demasiado bem; é o filho de José; não pode ser o Messias.

No entanto, Jesus foi concebido pelo Espírito Santo; o Espírito desceu sobre Ele, como uma pomba, no dia do seu baptismo, enquanto se ouvia a voz do Pai: «Este é o meu Filho muito amado». Jesus vai depois, durante o seu ministério, realizar as obras do Espírito, em particular expulsar os demónios. Contudo, encontramos a mesma dificuldade que os conterrâneos de Jesus: reconhecer n'Ele o homem que Ele seguramente é e Aquele que vem do Pai, porque, no «princípio», como diz São João, Ele estava com Deus e Ele era Deus (João 1,1). Cristo, diz São João, é «Aquele que Deus [entenda-se: o Pai] enviou e transmite as palavras de Deus, porque dá o Espírito sem medida» (João 3,34). Para indicar a presença do Espírito, a Escritura emprega outra imagem para além da unção: a imagem do selo. Falando do Filho do homem, Jesus diz: «A este é que Deus, o Pai, confirma com o seu selo» (João 6,27).

Nunca devíamos esquecer, quando falamos de Cristo, que n'Ele é toda a Santíssima Trindade que nomeamos. Se tivéssemos consciência disso, não haveria nenhum risco em dizer que Cristo Jesus é o centro da vida cristã. Pelo contrário, se esquecermos a dimensão trinitária deste nome, seremos discípulos de Jesus, mas seremos filhos sem Pai e corremos o risco de, com o passar do tempo, ser discípulos cada vez mais afastados do seu Mestre. A nossa fé professa o contrário: o Espírito que o Pai deu sem medida a Cristo também faz de nós cristãos, irmãos e irmãs de Cristo, membros do Corpo de que Ele é a Cabeça. O selo com que Ele foi marcado foi impresso em nós pelo baptismo. São Paulo escreve aos efésios: «Fostes marcados com o selo do Espírito Santo prometido» (Efésios, 1,13-14)

A vida do cristão é, pois, como a vida de Jesus Cristo, uma vida trinitária. Tal é a vocação do ser humano, visto ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Cristo que é um com o Pai também é um com o Espírito. Desde que tenhamos isto em mente, é perfeitamente legítimo dizer: «Jesus Cristo, Centro da vida cristã».

Isto aplica-se — já o disse no início desta conferência — ao matrimónio e à família: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mateus 18,20). Visto o matrimónio ser um sacramento, os esposos estão reunidos em nome de Cristo. Esta é uma realidade objectiva e permanente por parte de Cristo. Os esposos e a família que eles fundam poderão sempre apoiar-se nesta promessa de Cristo.

É este o meu desejo: que partais de Lourdes mais convencidos de que Cristo, pelo sacramento que recebestes, Se colocou no centro da vossa vida. Ele está lá não como uma personagem exterior e indiscreta mas como uma força, uma luz, um confidente. Em suma, como Salvador, já que toda a realidade humana precisa de ser salva para não envelhecer.

Termo esta conferencia propondo-vos a alteração de um termo. A «Centro da vida cristã», eu preferia «Coração da vida cristã». O centro tem algo de geométrico ou administrativo: cada cidade

possui o seu “Centro de impostos”<sup>1</sup>. Qualquer que seja a utilidade social da profissão de cobrador de impostos, o “Centro de impostos” não é o nosso destino preferido.

Gostaria de substituir centro por coração, porque esta palavra é profundamente bíblica. O coração bíblico não é a sensibilidade. É o coração da pessoa, com a sua liberdade e a sua capacidade de entrega. Tanto o Antigo como o Novo Testamento dizem que é preciso amar com todo o coração.

O coração lembra Cristo, de cujo lado trespassado sai água e sangue, fontes que jorram para a vida eterna. A um discípulo que Lhe pede «mostra-nos o Pai», Jesus responde: «Quem Me vê, vê o Pai» (João 14,9). Um cântico litúrgico francês, composto pelo Padre Didier Rimaud, diz que nessa altura «já nada pode esconder o teu coração de Pai» (*Dieu au-delà de tout créé*).

Então, reformulo o meu desejo de há pouco: que Cristo esteja no coração da vossa vida, que Ele seja o coração da vossa vida, pois, como Ele disse, «onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração» (Lucas 12,34).

---

<sup>1</sup> “Centro de impostos” poderá equivaler a repartição de finanças; no entanto, a expressão foi traduzida à letra para não destruir o jogo de palavras entre “centro de impostos” e “centro da vida cristã” (*N. do T.*).